



POLIDÓRIO, V. Professores de Língua Inglesa: vilões ou heróis? **Revista Diálogos**. V. 4, N. 1, 2016.

PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA: VILÕES OU HERÓIS?*

Valdomiro POLIDÓRIO¹
polidorio.valdomiro@gmail.com

* Este artigo se propõe a uma crítica mais empírica do fazer profissional, já que não foram apresentados argumentos de teóricos consagrados na área de Linguística Aplicada ou de Educação (Nota do editor a pedido do Comitê Científico).

¹ Professor com experiência em Letras, com ênfase em Literaturas de Língua Inglesa, William Shakespeare e metodologia do ensino de literatura. Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e doutor pelo Instituto de Educação pela Universidade de Londres. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Cascavel.

RESUMO: Os professores de língua inglesa têm recebido uma carga muito grande de responsabilidade, a qual muitas vezes não lhes pertence. Mesmo sabendo que todo o contexto contrário ao ensino de língua inglesa não proporciona a possibilidade de um ensino apropriado, o sistema culpa os professores. Mais grave do que isso é quando os próprios professores assumem essa culpa. Não podemos aceitar que se exija dos professores o que eles não podem dar porque o contexto educacional não os ajuda a serem melhores professores. A realidade apresenta turmas com muitos alunos, poucas aulas semanais com hora/aula muito curta.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Escolas. Realidade.

ABSTRACT: English teachers have received a big burden of responsibility that many times it does not belong to them. Even knowing that all the contrary context to the English teaching does not provides the possibility of an appropriated teaching, the system blames the teacher. More serious than this is that when the teachers assume that blame. We cannot accept that it demands from the teachers what they cannot give because the educational context does not help them to be teachers. The context presents large classes, few weekly lessons and very short lessons.

KEY WORDS: Teaching. Schools. Reality.

// + t m o q t r + : / \ . e b - > // . i . m o e l + \ g . m o e l e s < t \ \ o e b o m - d . \ . m o l e o ,
 // . i e b o d i i // < g o m o e s - > . \ . m o l e + t / \ . e m o m o o / \ . e m o e l e + , . i . m o e b o .
 . t o m . : . m o // < g o m o e s - > // . \ . m o e v + // < g o m o e s - > // . i . m o e l e +
 \ g . m o e l e s // g . m o e l e + // g . m o e l e - // < g o m o e s - > // < g o m o e s - > ,
 // . m o e + . : // . m o e - \ \ o e l e : / \ . e b - > . i . m o e m o m o e 2 - l e : . t m . i . m o m o o -
 l e i i . g e l e / \ . e b - > // . i . m o e l e + \ \ o e l e : . g . m o e l e ^ / \ . e b - >
 // < g o m o e s - > . i . m o e t i : . i . m o e l e + , . i . m o e o . \ \ . m o e t i : a // . i . m o e l e +
 . # . # . e m o t // < g o m o e s - > // < g o m o e s - > // . i . m o e + : i a . m o e o l / \ . e b - > ,
 // . # . m o e l e t . i . e b - > // + t m e b o - l e t . g e l e : \ \ . e b o d . i . m o e m o o l
 // < t o m o e + : i . m o e l e : . \ . m o e o // + t e m o - d ; \ m o l e .

\ g . m o e l e + // < g o m o e s - > // < g o m o e s - > // + t o m o e : // + t e m o - d .
 . g e l e : \ \ . e b o d .

1. INTRODUÇÃO

Os professores de língua inglesa trabalham em um contexto muito desfavorável. A carga horária é muito pequena, há muitos alunos por sala e poucas aulas por semana. Há ainda o problema da infraestrutura das escolas que deixam muito a desejar. Isso nos leva ao sistema do faz de conta. Ensinar uma língua pressupõe ensinar as quatro habilidades. No caso da língua inglesa, as quatro habilidades são *speaking*, *listening*, *writing*, *reading*.

Como os professores de língua inglesa podem ensinar essas quatro habilidades em turmas com 30 ou até 40 alunos, com duas aulas semanais de 45 ou 50 minutos? Isso é praticamente impossível. Bem, no que diz respeito à habilidade de *speaking*, é impossível. A não ser que consideremos que falar inglês se resume em falar algumas palavras ou frases soltas como: *What's your name?*, *My name's...*

Em um contexto como esse, os professores procuram trabalhar com leitura e compreensão de textos, o que nos leva a pensar que eles poderiam desenvolver um trabalho interessante. E isso pode realmente acontecer, mas e as outras habilidades essenciais? O nome da disciplina não é língua inglesa? O nome da disciplina não é inglês instrumental, que se concentra na compreensão de textos.

Como nós valorizamos o aprendizado de língua inglesa no Brasil? A disciplina de língua inglesa nas escolas não deve ser decorativa. Ela deve responder aos anseios e necessidades dos alunos, dos pais e da sociedade que esperam que a escola cumpra com o seu dever de ensinar o que se propõe. Contudo, para que isso aconteça é necessário que quem detem o poder dê condições às escolas e professores para dar retorno à sociedade, e isso não significa simplesmente investir em prédios ou mais salas de aula.

Isso também é importante, mas prédios e salas de aula não lecionam, são os professores/pessoas que enfrentam todos os problemas do cotidiano das salas de aula, que se agravam cada vez mais a cada dia. A partir dessas reflexões é que desenvolveremos nosso artigo.

2. A REALIDADE DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS

A realidade dos professores em nossas escolas públicas tem apresentado um quadro cada vez mais preocupante. Os professores sofrem com turmas superlotadas e a frustração de não poder ensinar, muitas vezes, nem o básico. Os docentes acabam doentes, pois não conseguem ensinar o que se propõe. Temos então um faz de conta na educação.

[...] é uma pena que as turmas são tão grandes, quase cinquenta alunos às vezes, então fica difícil... tem uma meia dúzia que quer... se eu pudesse tirar uma meia dúzia e por numa salinha pequena, era o sonho de todo mundo, mas não é a realidade, né [...] (COELHO, 2010, p. 132).

A citação acima nos leva a pensar quão angustiante é para um professor desejar uma realidade diferente daquela em que ele vive, mas que não se realizará. A luz que os professores têm visto no fim do túnel é a de um trem. Muitas vezes os discursos inflamados das academias se distanciam muito da dura realidade da sala de aula. Isso contribui cada vez mais com a busca do certificado e pontuação para avanço na carreira dos professores em detrimento da busca de conhecimento que os ajudaria a superar os problemas das escolas. Isso se dá justamente porque muitas vezes a teoria está muito distante da realidade.

Há muito conhecimento a ser transmitido no ensino de língua inglesa, mas isso se dará somente se os professores conseguirem ensinar o idioma. O contato com outra cultura é um dos fatores importantes para a aprendizagem da língua inglesa. Podemos refletir sobre nós mesmos ao aprendermos uma língua estrangeira e, conseqüentemente, sobre uma outra identidade cultural. Ao se aprender, percebe-se que não há uma cultura melhor ou pior do que a outra, mas que todas devem ser respeitadas.

[...] ao estudar uma LE, [...] o estudante entra em contato com outra cultura, o que contribui para que ele conheça aspectos culturais diferentes daqueles presentes na sua comunidade. Isso pode levar o

estudante a um processo de reflexão acerca do outro e de si próprio (OLIVEIRA, 2009, p. 27).

Ao refletirmos sobre a situação a que os professores são relegados, ou seja, a um estado de heróis por trabalhar em um contexto tão contrário ao ensino/aprendizagem, não devemos eximir os professores da responsabilidade de qualificação. Os professores de língua inglesa devem falar fluentemente, mesmo que não consigam ensinar seus alunos a falar a língua alvo. Não podemos ensinar um conteúdo que nós mesmos não dominamos. Quem tem o poder deve proporcionar um contexto adequado ao ensino de língua inglesa, e quem se propõe a ensinar deve se preparar adequadamente para fazer esse trabalho. Não podemos exigir condições adequadas para ensinar língua inglesa se não buscarmos uma qualificação que nos permita reclamar essas condições.

[e]ffective learning is the result of the partnership between learner and teacher with both taking the responsibilities appropriate to their roles. In order to fulfill their role, teachers must have a sound knowledge of the language system and four skills. (LINDSAY E KNIGHT, 2006, p. 13).

Temos nossos direitos, mas não podemos nos esquecer de que também temos nossos deveres. Não há como reclamar nossos direitos sem primeiro buscar cumprir nossos deveres, e isso significa nos prepararmos bem para a difícil tarefa do ensino de língua inglesa nas escolas públicas. Como supracitado, mesmo que não consigamos ensinar, devemos nos qualificar e preparar bem nossas aulas.

Realidade e ficção, às vezes, se confundem na sala de aula de língua inglesa, ou pelo menos são confundidas na academia. A sala de aula de língua inglesa nas escolas públicas não são salas de aula de filmes de Hollywood. Os acadêmicos do curso de Letras devem saber a realidade que os espera nas escolas públicas para que possam se preparar melhor antes de enfrentarem a prática do dia a dia. A dicotomia entre teoria e prática não deve existir. Há necessidade de que a teoria esteja em sintonia com a prática. Isso auxiliará os futuros professores de língua no seu preparo inicial

para o cotidiano de uma realidade cada vez mais dura. Essa realidade está envolta na falta de valorização dos professores em diversos setores da sociedade, a indisciplina e falta de respeito de muitos alunos, a violência em sala de aula, seja ela verbal ou física. Tudo isso, muitas vezes, não é mostrado pela academia.

Sem professores, nem escolas nem universidades existiriam. Alguém poderia dizer, e sem alunos também. Concordamos com isso. Contudo, o conhecimento sempre foi buscado pela humanidade desde o início de nossa história. Alunos sempre existirão, prova disso são as salas de aula superlotadas. Por outro lado, os professores estão deixando seu trabalho, mudando de profissão ou se afastando por problemas de saúde devido às dificuldades enfrentadas em sala de aula. Ao contrário do que muitos pensam, os professores jamais serão substituídos por computadores. Há uma necessidade imediata de um olhar mais cuidadoso para com os nossos professores. Eles estão perecendo em uma realidade injusta. Precisamos valorizar o ser humano/professor. Os professores não são computadores que são programadas na academia em cursos de graduação, atualização, especialização, mestrado e doutorado. Eles são seres humanos que devem ser respeitados como verdadeiros heróis em uma realidade que os massacra a cada dia que passa. Não podemos imaginar outra situação para nossos professores, a não ser que devemos viabilizar o ensino nas escolas públicas. Mais do que uma infraestrutura adequada, que também é importante, devemos nos preocupar com as condições humanas para que nossos professores desempenhem suas atividades nas escolas. Por que a qualidade de ensino caiu tanto enquanto que a tecnologia avançou tanto? A tecnologia, através da internet pode nos dar um conhecimento irreal ou incompleto, ou ainda, um conhecimento fragmentado. Ficamos duas horas na frente do computador pesquisando na internet e, quando terminamos nossa pesquisa, percebemos que temos um conhecimento de *links* de *sites*. Por outro lado, quando ficamos duas horas lendo um livro, adquirimos um conhecimento uniforme, lógico, inteiro. A internet é muito importante para a aprendizagem, porém devemos saber como pesquisar e ela não deve ser nossa única fonte de pesquisa.

O professor é o grande agente do processo educacional. A alma de qualquer instituição de ensino é o professor. Por mais que se invista em equipamentos, em laboratórios, biblioteca, anfiteatros, quadras esportivas, piscinas, campos de futebol – sem negar a importância de todo esse instrumental -, tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais se comparando ao papel e à importância do professor (CHALITA, 2004, p. 161).

Os professores têm sido considerados como máquinas. A construção de conhecimento dos professores é sufocada pela desvalorização e o excesso de trabalho. Os professores deveriam ter mais tempo para pesquisar para melhorar suas aulas. Preparar aulas também significa pesquisar e adquirir conhecimento, e mais importante ainda, refletir sobre o conhecimento adquirido.

O número de turmas e de alunos faz com que os professores fiquem sobrecarregados e isso se reflete diretamente na qualidade de suas aulas. O trabalho de docência é muito exigente e desgastante. O desgaste que os professores estão enfrentando, nestes últimos tempos, tem exigido muito mais do que eles podem dar como seres humanos. Somente quem é professor sabe o quanto é desgastante trabalhar nessa profissão.

Pode-se pensar que o trabalho do professor consiste nas horas que ele fica em sala de aula. Mesmo que fossem somente as horas passadas na sala de aula, isso serviria para oferecer um desgaste muito grande. Contudo, poucas pessoas conhecem os bastidores da sala de aula, onde os professores preparam suas aulas, corrigem suas provas e lançam suas notas.

Os profissionais docentes são professores 24 horas por dia, pois quando não estão em sala de aula estão, como já mencionado, preparando aulas, corrigindo provas ou lançando notas, e geralmente seus assuntos envolvem seu trabalho. Devemos estimular nossos professores a serem sujeitos reflexivos. Isso significa aumentar a hora/atividade e diminuir o número de turmas para que os professores possam ter mais tempo para realizar seus estudos.

Os estudos dos professores envolvem participação em seminários, congressos, cursos de capacitação docente, etc. Se isso não acontecer, os

professores continuarão sendo tarefeiros e não construtores de conhecimento. Entenda-se que construtor de conhecimento, no caso de professores da área de Letras, ao contrário do que muitos pensam, não é descobrir a cura para o câncer, mas o estudo e reflexões sobre outros estudos e reflexões já realizados.

O inédito na área de Letras fica no imaginário de alguns pesquisadores que ainda se consideram originais. A originalidade, nesse caso, seria a oportunidade que daríamos a nossos professores de ter mais tempo para pensar e refletir sobre a realidade de ensino que vivem. Talvez, seja justamente por isso que não querem que esses profissionais tenham mais tempo para pensar. Conforme,

É importante frisar que o professor é estimulado, [...] a reduzir cada vez mais a sua parcela de responsabilidade no que se refere a “pensar” e controlar o processo de produção do ensino. É lhe roubada a essência do homem e do profissional: o pensar e o sentir. Assim, ele é transformado num fazedor, num alienado, num dependente, numa máquina (FERNANDES, 1997, p. 108).

Frustrante é saber que essas reflexões feitas aqui para a melhoria da situação do trabalho docente nas escolas públicas é utópica. De qualquer maneira, não podemos falar sobre os problemas sem apresentar soluções. O que certamente não devemos fazer é dizer que está tudo bem, seja através de palavras ou atitudes que signifiquem que não concordamos que o ensino de língua inglesa nas escolas públicas não acontece como deveria acontecer, o que o leva a ser considerado um faz de conta no que se refere à conversação principalmente. O que também não podemos fazer é culpar os professores pelos problemas apresentados no ensino dessa disciplina. O que realmente precisamos é nos posicionar de uma forma coerente em relação à realidade das escolas públicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que apresentamos aqui não é novidade. Todos os profissionais que atuam na área de educação e que têm interesse em ter contato com a realidade e não com a ficção nas escolas sabem da precariedade no ensino de língua inglesa. Os problemas que procuramos apresentar não devem ser negligenciados por aqueles que realmente se preocupam com o conhecimento. Não é possível que se pense que é viável ensinar língua inglesa em uma situação como a que existe hoje nas escolas públicas. É de suma importância que olhemos nossos professores com outros olhos.

Devemos ter muito cuidado para não reproduzirmos o que o sistema quer que assimilamos, ou seja, que o ensino de língua inglesa nas escolas públicas é assim mesmo e que não há como mudar essa realidade. Esse pensamento não deveria ser cultivado por ninguém, muito menos por pessoas que trabalham na área da educação.

O que devemos ter em mente é como podemos apresentar esses problemas juntamente com possíveis soluções. Sabemos que temos até 50 alunos em sala de aula e somente 02 aulas de 45 ou 50 minutos por semana. Como resolver esses problemas? Diminuir o número de alunos para 20 e aumentar o número de aulas para 04 aulas de 50 minutos.

Somente com a redução do número de alunos e o aumento da quantidade de aulas pode-se fazer com que os professores tenham uma situação de ensino mais favorável. Isso parece utópico. Bem, quando foi inventado o telefone celular, quem poderia imaginar que ele ficaria tão completo como é hoje? Quem poderia imaginar que poderíamos nos comunicar através da internet? Quem poderia imaginar que poderíamos ter todos os dados de nosso computador em um *pen drive*?

Não, não é possível que continuemos com o ensino de língua inglesa como se encontra hoje nas escolas públicas. Não é possível também que continuemos a pensar que toda a responsabilidade deva cair sobre os ombros de nossos professores. Nossos professores têm feito um bom trabalho.

O problema não são os professores, mas a dura realidade que eles têm que enfrentar quando se propõem a ensinar língua inglesa. Isso não quer dizer que os professores não devam se qualificar e preparar bem suas aulas. Contudo, por mais qualificado que os professores estejam e por melhor que sejam suas aulas, eles fatalmente não conseguirão ensinar língua inglesa no contexto atual. Não podemos fechar os olhos e fingir que nada está acontecendo.

Nosso papel é apresentar os problemas e buscar soluções. O que não podemos fazer é cruzar os braços. Devemos, sim, arregaçar as mangas e trabalhar para que essa situação melhore. E as melhorias na educação não se referem somente a construir prédios de sala de aula ou equipá-las, elas se referem a dar condições adequadas para que nossos professores possam desenvolver seu trabalho através do aumento da carga horária e número de aulas semanais. Ou buscamos essa excelência ou viveremos para sempre com a essa situação vexatória que é o ensino de língua inglesa nas escolas.

Não é possível que pensemos que ensinar uma língua estrangeira seja ensinar leitura e compreensão de textos, e o pior é que nem isso nossos professores conseguem ensinar direito. Vamos nos conscientizar da necessidade de mudanças, pois enquanto ficarmos fechados em nossas salas de pesquisa nas universidades, preocupados com questões que parecem ser mais importantes no que se refere ao ensino de língua inglesa nas escolas públicas, fatalmente ficaremos alienados em relação à dura realidade que nossos professores enfrentam todos os dias nas escolas.

Vamos aproximar nossas teorias da dura realidade de nossos professores. Para isso é importante que tenhamos em mente que o ensino de língua inglesa é de suma importância para a formação de nossos alunos. Mas esse ensino deve ser completo e não pela metade, ou seja, deve ser um ensino que trabalhe as quatro habilidades e não somente uma. Se desejarmos manter o ensino de língua inglesa nas escolas, ele deve ser totalmente modificado para atender as necessidades dos alunos e professores.

REFERÊNCIAS

1. CHALITA, G. Os atores do processo educacional. In.: Educação: **A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 17ª ed. 2004.
2. Coelho, H. S. H. (2006). “É possível aprender inglês na escola?” Crenças de professores sobre o ensino de inglês em escolas públicas. In: A. M. F. Barcelos & M. H. V. Abrahão (eds.). **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. p. 125-143. Campinas, SP: Pontes Editores.
3. FERNANDES, M. E. A. A. A formação inicial e permanente do professor. **Revista de educação AEC**, ano 26, n. 102, p. 97-121, 1997.
4. Lindsay, C. & Knight, P. (2006). **Learning and teaching English: a course for teachers**. New York: Oxford University Press.
5. Oliveira, L. A. (2009). Ensino de línguas estrangeiras para jovens e adultos na escola pública. In: Lima, D. C. de (ed.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. p. 21-30. São Paulo: Parábola Editorial.